

O MAIS FORTE – SONETO DE CONSTATAÇÃO E A ARTE PÓS-MODERNA

Leila Maria Tinoco Boechat Ribeiro (UENF)

Ari Gonçalves Neto (UENF)

Hildeliza Lacerda Tinoco Boechat Cabral (UENF)

hildeboechat@gmail.com

Carlos Henrique Medeiros de Souza (UENF)

carlinhossouzalima@yahoo.com.br

RESUMO

O presente artigo se consubstancia no ensaio de interpretação dos versos do poeta Pedro Lyra, que busca responder, ainda que de forma fugaz, “o que é mais forte em nossa condição?”. Percorrendo o caminho em busca pela melhor resposta, o poeta responde à sua própria pergunta e, em seguida, desconstrói a própria resposta, para retomar a indagação. Nessa sequência lógica proposta pelo autor no soneto, que consiste em responder e fazer ruir suas próprias premissas, formulando novos argumentos mais hábeis à nova proposição do que de fato seja maior na condição humana, ele prossegue construindo e desconstituindo suas próprias premissas, argumentando e contra-argumentando, até (talvez) concluir pela dor – que é o maior em nossa condição. Talvez concluir, porque o soneto não apresenta ponto final, o que pode ser um indício de que há outras premissas a serem levantadas. Para esta análise, valeu-se de metodologia exploratória nos versos de Pedro Lyra e de pesquisa bibliográfica em fontes capazes de dialogar com a proposta de ligar os versos de Pedro Lyra ao estilo literário pós-moderno.

Palavras-chave: Versos lyrianos. Arte pós-moderna. Argumentos. Desconstrução.

“O MAIS FORTE” – SONETO DE CONSTATAÇÃO E A ARTE PÓS-MODERNA

Pedro Lyra

O que é maior em nossa condição?

“O Amor!”

– responde o moço enamorado:

“Só ele dá sentido a esta existência”.

(Mas até um amante o contraria.)

“É a Fé!”
– rebate o crente em contrição:

“Ela nos leva
ao verdadeiro Ser”.
(Mas se dirige à própria incertitude)
“A Esperança!”

– sustenta o renegado:

“É ela que alimenta
a última chama”.
(Mas ela falha muito mais que vinga.)
“É a Dor!”

– exhibe o pobre agonizante:

“O Ser humano nasce
em sofrimento;
vive lutando
pra escapar aos males;
e vem morrer
em novo sofrimento

1. Introdução

O presente artigo pretende analisar um soneto lyriano, apresentando uma breve interpretação de “O mais forte”: soneto de constatação, de autoria do poeta pernambucano Pedro Lyra, como obra contextualizada no tempo pós-moderno.

O conhecimento deste soneto pela proximidade com os versos lyrianos se deu em 2016, quando se buscavam versos para ilustrar as dores e agonias pelas quais passavam as pessoas em fim de vida, quando então foi este o eleito para a epígrafe da obra “Mistanásia: a morte miserável”, por sua beleza em versos desenhados para além da formatação em que tradicionalmente é apresentado o soneto e por sua beleza literária de conduzir o leitor por versos que flutuam substituindo um sentimento por outro em busca de um que fosse definitivo, pelo menos por enquanto.

Realiza-se uma análise exploratória dos versos, por estrofe, e tecem-se considerações a respeito da sensibilidade do poeta e do possível traço de inconstância, incerteza ou mesmo de transitoriedade das ideias que procuram definir o que seria a adequada resposta ao primeiro verso: “O que é maior em nossa condição?” A seguir, comenta-se a dor e a morte, por serem elas o estado da pessoa que o poeta escolheu para fechar as ideias contidas no soneto em análise.

2. O soneto lyriano: desde o amor à dor

Esses versos foram escolhidos para valorizar a obra “Mistanásia: a morte miserável”, que foi organizada a quatro mãos em 2016, buscando retratar a morte prematura e infeliz, em nível social, de milhares de brasileiros que vêm a óbito antes de completar o ciclo vital devido às políticas públicas iníquas e ao abandono do cidadão pelo Poder Público em relação às suas obrigações descumpridas diuturnamente, caracterizadas pela omissão na prestação dos serviços de saúde, pela ausência e deficiência de saneamento básico, proliferação de vetores não controlada pelas secretarias de saúde, dentre muitos outros fatores. (CABRAL & ZAGANELLI, 2016)

O soneto “O mais Forte” expressa a fugacidade da vida, o tempo efêmero com que os sentimentos vêm e vão, assim como é dinâmica a vida e breve a existência humana, que caminha para a morte.

Afirmam as autoras Clesiane Blindaco Benevenuti, Eleonora Campos e Íngrid Ribeiro, em “A construção de um poema”, que o soneto lyriano pode surgir na mesa de um bar, sob a ducha de um chuveiro, no ônibus, no jardim, no estádio de futebol, no avião ou no quarto (BENEVENUTI, CAMPOS & RIBEIRO, 2016). Ou seja, com a originalidade e a espontaneidade que lhes são próprias, Pedro Lyra produz seus versos, permitindo-lhes fluírem em qualquer lugar, tempo ou circunstância, sem que as adversidades daquele momento lhe diminuam a sensibilidade e a beleza de construir estrofes nas casualidades que a vida oferece.

Diferentemente dessas situações, o soneto “O Mais Forte – Soneto de Constatação” foi escrito diretamente no computador e publicado primeiramente na *Revista Brasileira da Academia Brasileira de Letras*, nº 82 (2015). Classificado como pós-moderno por Patrícia Peres Ferreira Nicolini e Clesiane Blindaco Benevenuti (2016, p. 267), “o soneto de Pedro Lyra também foi reconhecido pelos críticos pela excelência da qualidade poética, tanto pela forma quanto pelo conteúdo”, apresentando as seguintes características:

Inovador por romper com o esquema padronizado de estrofação do soneto (dois quartetos e dois tercetos) e na constituição de versos que quebram a linearidade da leitura dos decassílabos, forjados conforme a organização sintática e a harmonia rítmica das palavras, Lyra guia seu leitor por uma leitura transversal, impondo-lhe a entonação melódica das expressões. Essa nova roupagem para o verso foi utilizada pela 1ª vez na 1ª metade do século XX pelo poeta russo Vladimir Maiakovski e aprimorada por Lyra (NICOLINI & BENEVENUTI, 2016, p. 267).

A sensibilidade logo se mostra nestes versos pós-modernos, além de rastros de incertezas, sendo uma característica marcante deste soneto. O senso crítico também ganha uma percepção mais aguçada; a emoção e a reflexão coexistem com certa naturalidade, além da constante ideia de mutação, de substituição e de reformulação.

O poeta inicia com a indagação sobre o que é maior em nossa condição. Que condição? Pensa-se na condição de humanidade, o que remete à “condição humana”, de Hannah Arendt, que desperta para a percepção de que as relações humanas se estabelecem por ações e que a condição humana é política.

Segundo Arendt, a ação (única atividade exercida diretamente entre homens sem a mediação das coisas e da matéria) corresponde à condição humana da pluralidade e que todos os aspectos da condição humana têm relação com a política. O trabalho e seu produto imprimem certa durabilidade ao caráter efêmero do tempo humano (ARENDR, 2007). Como o trabalho, assim são as obras, os versos que, sendo ações, além de marcarem um tempo nesta vida passageira, eternizam aquele que os produziu, passando adiante, para além desta geração, quiçá para todo o sempre. A importância das ações traduzidas em versos sempre expressa a forma de pensar do poeta, o seu imaginário, as suas emoções e os seus sentimentos – sejam reais, sejam ideais.

Neste soneto, o poeta introduz a indagação e a seguir apresenta quatro respostas em que, por um juízo de eliminação, as subsequentes substituem as antecedentes, até chegar-se à “definitiva” resposta. Interessante que cada uma dessas respostas agrega um argumento conclusivo que lhe serve de antítese, ou pelo menos uma assertiva capaz de desbançar aquela anteriormente expressa. Então, ele pergunta: “O que é maior em nossa condição?” E as respostas vêm: o amor, a fé, a esperança, a dor... de forma que cada uma que se apresenta neutraliza os efeitos da anterior, pois o que o autor busca é “o maior”, e essa noção não admite igualdade, não se curva a dividir sua importância (quiçá sua intensidade): é singular, única e insuscetível de multiplicidade. Por isso se diz que uma ideia substitui a outra, embora o autor ao tecer os versos, institua teses para justificar as respostas, ainda que passageiras – já que em seguida são desmentidas pela antítese e substituídas por outra, no início da nova estrofe. Assim, ele cria uma tese para justificar a escolha, mas imediatamente encerra o grupo de versos com a antítese.

O próprio título – “O mais forte” – instiga à reflexão, deflagrando

a existência de uma constatação a respeito do que seria o mais forte (sentimento?) na condição humana, o que evidencia a passagem por algumas respostas em busca de uma que seja capaz de traduzir o que de fato é o sentimento mais intenso e profundo que marca a existência do ser humano, nessa humanidade que somente a ele é inerente. O questionamento, exposto logo na linha introdutória, é o enunciado ao qual todas as estrofes se remetem, na incessante busca por uma resposta: “O que é maior em nossa condição?”.

Na primeira estrofe, a resposta não se faz esperar: “O Amor!”. Então, Pedro Lyra constrói a justificativa se valendo do que o moço responde: “só ele dá sentido a essa existência”, utilizando-se do argumento que os jovens enamorados geralmente invocam para ilustrar esse sentimento que, nessa fase da vida, mostra-se arrebatador. Isto posto, Pedro Lyra promove a desconstrução dessa ideia, ao considerar que até um amante o contraria. Nesse momento, em face da antítese do argumento anteriormente expresso, o poeta prossegue tentando responder com mais fidelidade, quiçá, realismo, à sua proposta – fato que desperta no leitor a inquietação para buscar a melhor resposta para a grande interrogação que o próprio poeta formula.

Interessante que há uma resposta a cada estrofe, rebatida pelo poeta, com um contra-argumento ao final da estância para, na subsequente, introduzir uma nova tentativa de resposta ao grande questionamento que impulsiona a busca por uma melhor ou mais adequada resposta: “O que é maior em nossa condição?”.

Assim, na segunda estrofe, vem a resposta (que se torna transitória, porque será substituída a seguir por outro sentimento que parece ser o mais forte): “É a Fé!” – resposta do crente (aquele que crê) em contrição – tendo em vista a perspectiva de ser levado pela fé a Deus. Mas, contesta o poeta sua própria resposta; é referindo-se às incertezas e expectativas que podem ou não se operar no porvir – demonstrando mais uma vez que aquela resposta não é a definitiva, tampouco a mais apropriada.

Na terceira estrofe, sugere ele – “A Esperança!”. Essa sim, ao argumento do renegado, é ela que acalenta o decepcionado, abandonado, sendo a última que morre, a mola propulsora da humanidade... mas, vem então a desconstrução da esperança, fadada ao fracasso, pois na maioria das vezes, falha.

Desse modo, o poeta segue a sua incessante busca pela resposta à pergunta que não quer calar: “O que é maior em nossa condição?”. Na

quarta estrofe, ele irrompe num grito de descoberta: “É a Dor!”. Desta vez, ele acrescenta o “verbo ser” flexionado no presente do indicativo – quem sabe? – para demonstrar que a resposta à indagação alcançou precisão. E na voz do pobre agonizante, esse sentimento se mostra autêntico e em consonância com a sua condição aflita, decadente, “prestes a morrer, moribundo” (HOAISS, 2009, p. 70), proclamando que, finalmente, encontra o sentimento que é maior e mais forte na condição humana – a dor – que se inicia com o nascimento e termina com a morte. Ou seja, a dor é o sentimento que se repete, tal como o refrão da música da existência humana, a permear os ciclos vitais da humanidade (sendo o nascimento e a morte o início e o fim dessas etapas da vida).

Assim, entende o poeta que esse, sim, é o sentimento definitivo, presente em toda a existência. Sem dúvida alguma, a dor está presente em todas as fases evolutivas da pessoa e a condição humana a experimenta diariamente em maiores ou menores dimensões, ora intensa, ora branda – quase uma companheira indesejada a seguir (ou perseguir?) a pessoa de forma constante e inafastável. Pedro Lyra constata que o ser humano nasce em meio à dor, vive lutando para driblar os males (dos quais podem advir as dores), mas vem morrer em meio às dores. O poeta afirma que o ser humano nasce em sofrimento e termina em novo sofrimento. Assim, é a dor – esse sentimento atroz, ora brando, contínuo e ininterrupto, ora intenso, cíclico e pontual.

O poeta vai tecendo os versos lyrianos com estilo e elegância em busca da identificação do mais forte sentimento da vida humana, passando pelo amor, a fé, a esperança até chegar ao definitivo – a dor – que, a seu juízo e cauteloso exame, seria a resposta cabal do que é maior na condição humana. O poeta associa a dor ao nascimento e à morte, demonstrando que ela se faz presente desde o primeiro até o último suspiro – sem, entretanto, sugerir que a vida seja somente dor, mas enfatizando-a como “maior” sentimento (talvez experiência) e presente no início e no final da existência humana.

Mas, por que a dor? Estabelecendo-se um paralelo entre esses conceitos, tem-se que, enquanto a dor é uma “sensação penosa, desagradável” (HOAISS, 2009, p. 709), o sofrimento se traduz como “dor moral, amargura, ansiedade, angústia, vida miserável” (HOAISS, 2009, p. 1763). Marcelo José Villar explica que dor deriva da palavra latina *dolor*, que significa “pena, castigo” (VILLAR, 2015, p. 33). Assim, enquanto a dor se encontra no plano de desconforto físico, o sofrimento se estabelece na esfera psicoemocional, sendo mais intenso e profundo.

E ainda, por que a morte remete à dor? Talvez porque a morte na pós-modernidade apresente, por um lado, um traço comum que consiste em passar pelo doloroso processo de medicalização; ou, por outro lado, em outro extremo, uma fase em que a miséria e a fome produzem mortes prematuras e em condições indignas (CABRAL, 2016). As pessoas se mostram tão temerosas quanto a morte, que optam por não contar às crianças que determinada pessoa faleceu, preferindo os eufemismos “foi para o céu” ou “virou estrelinha” e, não raro, inventam que um dia o morto voltará. Há uma fuga da realidade, tenta-se não admitir a morte como fato real, natural e inerente à vida e à condição humana. A evolução da ciência não ajuda a conceber a morte, “Quanto mais avançamos na ciência, mais parece que tememos e negamos a realidade da morte”. (KÜBLER-ROSS, 2012, p. 11)

Assim, no momento mais fragilizado da vida, quando a pessoa já se encontra debilitada pelas questões emocionais somadas ao mau estado de saúde, no ambiente frio, impessoal e desumano, cercada de aparelhos por todos os lados, nua e atendida somente por pessoas estranhas, percebe-se numa verdadeira ilha, isolada da família, das pessoas a quem ama, de seus objetos pessoais e distante do ambiente acolhedor que lhe é familiar, Talvez por isso a morte tenha se tornado triste e difícil de aceitar:

Há muitas razões para se fugir de encarar a morte calmamente. Uma das mais importantes é que, hoje em dia, morrer é triste demais sob vários aspectos, sobretudo é muito solitário, muito mecânico e desumano. Às vezes é até mesmo difícil determinar tecnicamente a hora exata em que se deu a morte. Morrer se torna um ato solitário e impessoal porque o paciente não raro é removido de seu ambiente familiar e levado às pressas para uma sala de emergência. [...] Só quem sobreviveu a isto é que pode aquilatar o desconforto e a fria necessidade deste transporte, começo apenas de uma longa provação, dura de suportar quando se está bem, difícil de traduzir em palavras quando o barulho, a luz, as sondas e as vozes se tornam insuportáveis. (KÜBLER-ROSS, 2012, p. 11-12)

Norbert Elias destaca o progressivo afastamento das pessoas a partir da enfermidade até a morte, pois atualmente o tratamento aos cadáveres e os cuidados com as sepulturas – atividades antes desenvolvidas pela família e amigos – agora o são por empresas especializadas mediante remuneração, uma espécie de terceirização do preparo do cadáver e da sepultura. (ELIAS, 2001)

Independentemente da morte medicalizada ou daquela ocorrida em meio às situações adversas, a morte sempre se encontra envolta em

uma situação de incertezas, inseguranças e as pessoas temem o que é desconhecido. Até porque quem morreu não pode contar para os viventes sua história, suas emoções e sentimentos durante essa travessia.

3. *Conclusão*

Tomando-se por base a análise do soneto “O mais Forte”: soneto de constatação, do poeta pernambucano Pedro Lyra, a outra conclusão não se pode chegar além de que a dor prepondera e é por ele indicada como “maior” na condição do ser humano. Destaca-se a sensibilidade demonstrada à flor da pele do poeta, em suas “viagens” por várias possíveis emoções ou sentimentos mais fortes que experencia o ser humano.

Ele tece seus versos analisando três sentimentos (o amor, a fé e a esperança). Ele mesmo argumenta e contra-argumenta, construindo uma tese e uma antítese, para transpô-los em seguida, lançando outra resposta melhor ou mais adequada à pergunta que ele mesmo lança no primeiro verso: “O que é maior em nossa condição?”. Começa apontando alguns sentimentos como maiores, como o amor, que dá sentido à existência; a fé, que leva a Deus; a esperança, que sustenta o excluído. Mas logo os desconstitui com uma antítese. E deixa claro, ao final, que nenhuma dessas emoções pode ser maior (nem mais intensa, acredita-se) que a dor – que nasce com o ser humano e ao túmulo, com ele, desce.

Por fim, pode-se observar que o soneto não é arrematado por um ponto final (nele não há finitude demarcada), nem um ponto de interrogação (indicando que não paira dúvida), tampouco reticências (o que leva a crer numa certa finitude do soneto, ainda que não marcada por uma pontuação, mas pelo esgotar de ideias). A dor parece ser o último, o definitivo, o maior dos sentimentos da condição humana: a dor que chega juntamente com o homem ao mundo sensível é também a que o despede deste universo material.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. Trad.: RAPOSO, Roberto. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2007.

CABRAL, Hildeliza Lacerda Tinoco Boechat. Ortotanásia: a morte “no tempo certo” e o respeito à autodeterminação do enfermo terminal. In:

CABRAL, Hideliza Lacerda Tinoco Boechat; ZAGANELLI, Margareth Vetis. *Mistanásia: a morte miserável*. Campos dos Goytacazes: Brasil Multicultural, 2016.

_____; ZAGANELLI, Margareth Vetis. *Mistanásia: a morte miserável*. Campos dos Goytacazes: Brasil Multicultural, 2016.

ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos – seguido de “Envelhecer e morrer”*. Trad.: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. *Sobre a morte e o morrer*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

LYRA, Pedro. O mais forte soneto de constatação. In BENEVENUTI, Clesiane Blindaco; CAMPOS, Eleonora; RIBEIRO, Ingrid. *A Construção do poema: crítica genética de 8 poemas de Pedro Lyra*. Campos dos Goytacazes: Brasil Multicultural, 2016.

NICOLINI, Patrícia Peres Ferreira; BENEVENUTI, Clesiane Blindaco. In: BENEVENUTI, Clesiane Blindaco; CAMPOS, Eleonora; RIBEIRO, Ingrid. *A construção do poema: crítica genética de 8 poemas de Pedro Lyra*. Campos dos Goytacazes: Brasil Multicultural, 2016.

VILLAR, Marcelo José. *Qué es el dolor*. Buenos Aires: Paidós, 2015.